

## Teologia e Outras Ciências: Interdisciplinaridade

Manfredo C. Wachs

### Introdução

Fui convidado como teólogo para apresentar algumas reações pedagógicas às colocações dos palestrantes da Semana Teológica. Antes de se iniciar o evento, já estava firmado o pressuposto, da parte dos organizadores, de que a minha abordagem seria, conforme o desafio colocado por Hugo Assmann, numa dimensão transdisciplinar. Eu já deveria, de antemão, colocar-me na dimensão de ouvinte de outra disciplina.

Ou será que a perspectiva dos organizadores era a da frase do cartaz de divulgação: verificar o que as outras ciências têm a contribuir para a teologia na busca de novos caminhos? Esbocei como ponto de partida a pergunta: será que esta frase reflete uma dimensão interdisciplinar, transdisciplinar ou uma justaposição de perspectivas? Este questionamento direciona a minha atenção para a prática escolar do 2º grau.

### 1. A Didática do Ensino Religioso

Nos cursos de Magistério, as professoras são orientadas para desenvolver um ensino globalizante, onde as disciplinas/matérias devem estar tão interligadas que formem um conjunto harmônico. Um dos principais argumentos é que as crianças não conseguem distinguir claramente a divisão de cada matéria e que não se deve transmitir uma visão dicotomizada da vida.

Na análise da práxis didática percebe-se que ocorre muito mais uma justaposição de assuntos do que uma globalização de aprendizagem. Na justaposição das matérias em torno de um mesmo assunto, as disciplinas vão se tornando *transvestis*. As disciplinas se vestem de algo que não são, mas querem ser. Elas perdem a sua identidade, projetam uma imagem que não é a real e criam uma confusão de papéis.

A professora que não domina bem nem um nem outro conteúdo, vai fazendo associações a partir de palavras que ela não consegue decodificar com exatidão. Na perspectiva do ensino religioso escolar, isto significa que, às vezes, se interliga

a história de Zaqueu com a aula de ciências ou estudos sociais, somente porque no texto bíblico aparece a árvore. Ou as parábolas são transformadas em verdadeiras alegorias, com o intuito de se conseguir maior disciplina, mais silêncio e maior castração dos alunos e das alunas. P. ex., a professora de Ensino Religioso é solicitada a desempenhar o papel de supervisora de disciplina ou reguladora de comportamento. Ela é chamada para ensinar que “Deus não gosta de brigas”. Desta maneira, a mensagem cristã fica desvirtuada.

Justapõem-se linguagens, conteúdos, filosofias sem o devido conhecimento da especificidade de cada disciplina. Na verdade, cria-se um jogo de “faz-de-conta”, um mundo simbólico onde os atores simulam conhecer os seus papéis e se esforçam para desempenhá-los consciente e sinceramente. Às vezes, a “platéia” aplaude, porque faz de conta que entende a mensagem e concorda com o processo de ensino-aprendizagem. O mundo do “faz-de-conta” se perpetua porque não se conhece e não se busca outro caminho.

## 2. Transdisciplinaridade

Norberto Etges, numa conferência sobre qualidade e educação realizada em 1995, em Joinville (SC), afirmou que muitas vezes na interdisciplinaridade se procura encontrar tantos elos comuns entre as disciplinas que ocorre uma “perda da identidade de cada disciplina”. O profissional procura se adonar de terminologias e conceitos específicos de outras disciplinas, e aqui devemos falar de outras ciências, a ponto de ocorrer um desvirtuamento do próprio termo, da linguagem e dos conceitos. A relação interdisciplinar fica *transvestida*.

Muitas vezes, na teologia e na prática pastoral, utilizamos linguagem, conceituação e estrutura de pensamento provenientes de outra ciência, sem termos clareza quanto ao seu significado. Usamos termos fazendo de conta que dominamos conteúdos.

Portanto, no processo de interdisciplinaridade não é mais possível brincar de “faz-de-conta”. É necessário conhecer o que está por detrás da linguagem, qual é o mundo conceptual que constrói o conhecimento de cada ciência e quais são os “mundos” que envolvem determinada ciência. Significa aprender a dizer quem ele próprio é.

Não nos damos suficientemente conta de que, conforme a concepção de Paulo Freire, há “palavras-mundo” que nos ligam a experiências de vida e que possuem significados diferentes em mundos diferentes. Por isto, na relação entre as diversas ciências, temos que ter presente a *transmundidade*, ou seja, ter consciência de que transitamos através de mundos diferentes e semelhantes. E que precisamos conhecer a senha que dá acesso a estes mundos.

Diante da necessidade de se explorar os mundos, as pedagogias, Danilo

Streck fala da importância de se ter mapas e bússolas. Não é possível conhecer os mundos sem o uso de bússolas. É preciso ter critérios claros e precisos para se construir novas relações e, possivelmente, elaborar novos mapas. Entretanto, este novo mapeamento deverá ser feito, na opinião da Edla Eggers, com rigor e não com rigidez.

### 3. É uma Questão de Postura

A interdisciplinaridade, na perspectiva de transmundidade, não tem mais retrocesso. E não só devido à globalização da cultura, da economia e do processo educacional, mas porque, a nível educacional, constatam-se cada vez mais os limites dos seus próprios meios de análise. Segundo a compreensão de Hugo Assmann, a *autopóiesis* provoca uma nova postura diante das limitações da própria ciência. Nesta perspectiva, Dolores de La Peña afirma que a interdisciplinaridade é uma postura que se constrói a partir do respeito para com o outro. É a constatação do valor que o outro possui pelo simples fato de existir. É uma ação “desarmada”, em que não são apresentadas armas, nem de defesa nem de ataque, mas procura-se primeiro ouvir, conhecer e, depois, falar.

Esta perspectiva interdisciplinar passa pela conhecida afirmação de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, nós nos educamos em comunhão”. É uma troca de saberes. É uma relação onde não há ciência que possua supremacia sobre as demais, nem um saber absoluto aprisionado numa ciência.

### 4. Processo de Descentração

Durante esta semana, em alguns momentos, pareceu prevalecer a idéia de “o meu fazer é o ato primeiro”. Ou seja, à medida que prevalecerem o meu pensar, o meu fazer, a minha ciência, estamos no caminho certo. Algumas vezes, pairava no ar o seguinte pensamento: “Nós é que resgatamos o real valor das outras ciências”.

Do princípio pedagógico do construtivismo nós ouvimos: somente através de um processo de descentração é possível proporcionar uma real assimilação-acomodação do saber. Nós precisamos aprender a nos deslocar do centro das atenções e parar de nos mirar no espelho, seja ele intacto ou quebrado, para ver a outra pessoa e o outro objeto de saber. Entretanto, o processo de descentração não se restringe a dar espaço ao outro, a dar vez e voz ao outro. Vai além. Implica resgatar o seu direito à vez e voz. Não é só conhecer o seu código de comunicação, mas sim a sua linguagem e estrutura de pensamento.

Um processo de descentração implica ouvir o “grito do cego Bartimeu” que procura superar o murmúrio da multidão. Não implica somente ouvir o “grito”, mas também aprender a “gritar”, a libertar a voz e a inteligência aprisionada.

Enfim, o processo de descentração passa pela corporeidade. O corpo que sufoca o grito é o mesmo corpo marginalizado, é o mesmo corpo que aprisiona a inteligência.

## 5. Uma Questão Ontológica

Uma transdisciplinaridade entre ciências que possuem elos comuns não se restringe à descoberta das suas próprias limitações e do reconhecimento de uma linguagem e conceito familiares. Ela, na verdade, estabelece mediações através das quais ocorrem pontos de convergência. Nestes pontos de convergência, nestas intersecções, é fecundada uma nova visão de mundidade, são construídas uma nova identidade e uma nova forma de relacionamento entre as ciências.

Temos o exemplo da psicopedagogia. Ela surgiu da constatação de que os problemas e fracassos de aprendizagem não podiam mais ser meramente refletidos e respondidos de maneira isolada pela pedagogia ou pela psicologia educacional. Cada uma delas, pedagogia e psicologia, permaneceram com a sua identidade e especificidade próprias, contudo constroem uma nova relação a partir de situações concretas. Este “fecundar” de novas relações somente é possível com muito rigor e com um claro conhecimento dos “mapas e bússolas” que medeiam essas relações transdisciplinares. A transdisciplinaridade necessita de muita versatilidade.

A versatilidade deve ser entendida como a capacidade de saber sentar à mesa com pessoas das mais variadas ciências, desenvolver uma troca de saberes, aprender com o outro numa relação de intersubjetividade. Não é possível conceber uma transdisciplinaridade em que não haja critérios de seleção e de análise, em que não haja a pergunta do fim último e a indagação, de cunho teológico, pelo sentido da vida, em que não haja uma clara reflexão crítica sobre o próprio agir e sobre a inter-relação das disciplinas e das ciências. Transdisciplinaridade não se faz através de uma seleção natural de fatos e fotos, pois, por detrás de qualquer opção, sempre há uma intencionalidade, por mais inconsciente que ela seja.

No pensamento de Paulo Freire, toda a ação-reflexão-ação passa impreterivelmente pela visão antropológica da educação e, no nosso caso, pelo fazer teológico-pedagógico. Portanto, engloba a dimensão ontológica do ser humano. É uma práxis que busca o ser-mais do outro e reconhece a sua imanência e transitoriedade.

Manfredo C. Wachs  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS